



19 de março de 2018

É hora de avançar para a realização de atos regionais e assembleias conjuntas.

Contatos: www.pormassas.org / e-mail: por@pormassas.org

**Para a greve ser vitoriosa, é preciso radicalizar no método.
Nada de ficar a reboque do calendário da Câmara!
Não aceitar a barganha de migalhas através das “emendas” ao PL!
Seguir em luta até a retirada do projeto!**

Depois da conturbada semana passada, que contou com a violenta repressão em 14/3 e a assembleia de mais de 80 mil no dia seguinte, a greve continua e precisa responder a novos obstáculos. Diante da força do movimento, o governo começa a colocar em prática o seu “plano B”: quer desmobilizar a categoria a qualquer custo!

Setores governistas já admitem modificar aspectos do PL. Nada que já não tenha sido denunciado pela Corrente Proletária na Educação como bodes expiatórios, pontos que podem ser estrategicamente retirados para garantir a aprovação da essência do projeto. O próprio relator, Caio Miranda (PSB), defendeu “a retirada da alíquota suplementar de 5% para 144 mil servidores que recebem até o teto do INSS, equivalente a R\$ 5.645,80”. O aceno com um desconto menor no salário do que o previsto pela proposta original desponta claramente como uma armadilha.

Outro risco diz respeito ao fôlego do movimento. Doria realizou uma manobra para tentar cansar os grevistas, adiando a votação do PL. Para dar resposta ao problema, será preciso que o funcionalismo dê uma guinada e se desvencilhe do calendário da Câmara dos Vereadores. Até então, tem marcado suas atividades em datas que coincidem com os passos na tramitação do projeto. Essa via é de derrota. Para comprová-lo, basta lembrar o resultado da votação na CCJ: a ilusão de que seria possível obstruir a votação nessa comissão se desfez rapidamente, com uma votação favorável ao governo.

As disputas parlamentares fazem parte do jogo da burguesia. Nesse campo, as reivindicações legítimas dos trabalhadores serão substituídas por migalhas, através de barganhas em torno das “emendas” ao projeto, configurando mais uma traição aos interesses dos funcionários públicos.

Os trabalhadores não podem morder a isca, devem seguir em luta, radicalizando a greve até a retirada do projeto. O momento atual, que é de crescimento dos índices de paralisação, exige maiores cuidados da vanguarda. Diante da violenta repressão desfechada pelo governo, é necessário radicalizar os métodos de luta. Sem uma greve ativa, com atividades diárias, os trabalhadores sofrerão diversas pressões no sentido da desmobilização. E uma greve ativa implica em preservar sua independência em relação ao calendário do Parlamento.

Aumenta cada vez mais a importância da unidade dos sindicatos para o fortalecimento da greve. As comunidades também precisam compor o movimento. É hora de avançar para a realização de atos regionais e assembleias conjuntas, mantendo as manifestações centralizadas multitudinárias.

É preciso rechaçar o corporativismo, ou seja, a defesa exclusiva dos interesses da própria categoria. O isolamento é um veneno que põe em risco a greve. As reivindicações comuns, ações unitárias e comitês unificados, por outro lado, representam um antídoto capaz de alavancar a mobilização até a vitória. É fundamental que a classe operária se coloque em luta e assuma a dianteira de um movimento mais amplo, de combate à reforma da previdência, contra a intervenção do RJ e pela revogação de todas as medidas já aprovadas, principalmente a Lei da Terceirização e a Reforma Trabalhista.